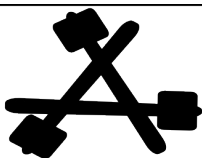
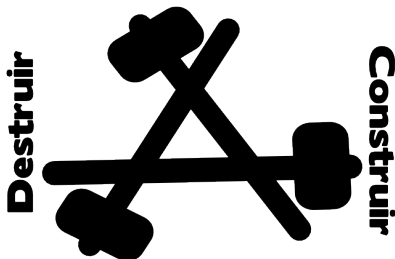
aurora obreira

nº 79

desde 2010

aurora obreira

desde 2010

Barricada Libertária, iniciativa de ação direta para divulgação e propaganda do anarquismo.sem partidos, sem religião, sem Estado.

Número 79 - Ano 6 - Outubro 2017.
Revista para divulgação do anarquismo atual e na construção de uma sociedade sem classes, sem opressão e sem exploração.

Redação: Barricada Libertária
Colaboração: Fenikso Nigra, Movimento Anarquista, Danças das Idéias, ATB, Iniciativa Federalista Anarquista-Brasil
Esta revista foi feita em soft livre: Scribus, Libreoffice, Inkscape, Gimp, OS Mint 17

Contatos:
Barricada Libertária: lobo@riseup.net, barriliber@riseup.net
Fenikso Nigra: fenikso@riseup.net aŭ fenikso@anarkio.net

http://anarkio.net

EDITORIAL

O Poder e sua finalidade

O que se busca em último extremo é controlar as fontes de energia, humanas ou naturais, com vistas em conseguir privilégios, prestígios, mais Poder, ou acumulação de riqueza. É algo que embriaga a todas!

Não acredite que isso se mantém somente de fuzis e baionetas. Está no dinheiro. Está na ideia de Deus ou de Pátria. Está no despacho da pessoa Diretora de uma empresa. Está nos lugares insignificantes. Cada vez que alguém se relaciona com outra pessoa pode existir Poder, intenção de obrigar uma outra pessoa a que faça o que Eu quero apesar que não lhe apeteça. Mas isso é pouco coisa, não há satisfação se a relação se dá entre criaturas iguais, a maior parte das vezes haverá um dialogo e livre acordo..., e poder até ignorar o Poder.

E isso preocupa o Poder.

Necessita de hierarquia, mando, meios de repressão, desigualdade.

Se a situação de Poder, se a relação desigual fundamentada na

força se faz permanente, se apoia em uma instituição, em leis, na violência legitima (a que se percebe como direito a ser levado a realização), então é quando realmente o Poder se estabelece e cresce.

Desde da organização do primeiro Estado a mais de cinco milênios na Suméria, o Poder se tornou tirano, algoz.

Até então estava repartido por toda sociedade, também existia, mas com menos potência do que agora, já que donde todos tem mais ou menos a mesma força, nada pode prevalecer sobre o outro. Nesse caso, o poder significava capacidade para fazer algo, possibilidade de... qualquer um pode. Quando esse poder entendido como capacidade se agrupa nas mãos de algumas pessoas poderosas, é quando nasce o Poder com capacidade coativa. Por isso, o Poder ama tanto o Estado, porque onde ele impera, há uma sociedade dividida entre as pessoas que mandam e as que obedecem, entre as pessoas que governam e as que são governadas.

A “Herstoria” das Rote Zora e as céluas revolucionárias

Se diz "Herstoria" como adaptação do inglês Herstory, que significa "História Dela". Em inglês o pronome possessivo "His" significa "Dele". Escrevendo Herstória se busca emprestar a expressão em inglês para expressar nosso rechaço à história androcêntrica, contada por homens e invibilizadora das mulheres, e com isso visibilizar a história 'dela', a história das mulheres.

Para contextualizar este breve recorrido pela história dos grupos armados alemães, não devemos esquecer que sua atividade se reproduz em um contexto com características muito concretas.

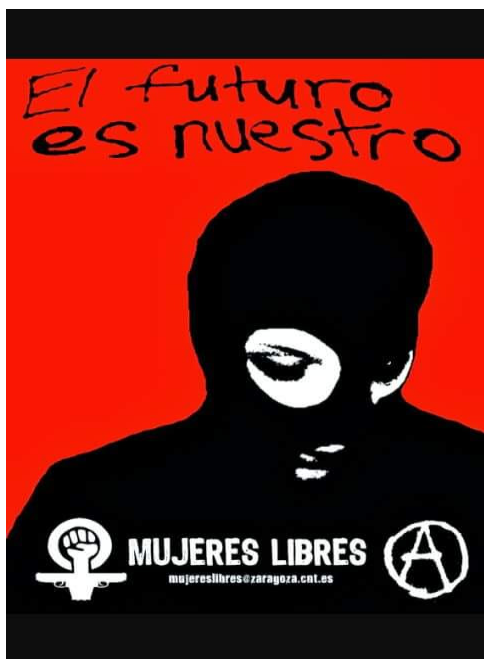
Um ponto de partida pode ser a oposição que surge contra uma progressiva direitização do sistema político alemão governado pelos democristianos, cujo ponto culminante será o projeto de "leis de emergência", elaborado em 1960, que trazia uma grande restrição à direitos e liberdades fundamentais.

Outros fatores que também influenciaram esse ambiente são a numerosa presença em solo alemão de imigrantes e particularmente, de refugiadas e refugiados de países super-explorados; a política reformista

de certos setores (SPD[1]); os protestos, estudantis principalmente, contra imperialismo; a luta contra a ofensiva yankee (estadunidense) no Vietnã e a participacão alemã em guerras como esta.
Assim, vai se materializando a necessidade de adotar formas de lutas violentas por setores mais radicais. Nos anos 60 se produzia a evolucão ideológica e política daqueles que nos 70 impulsionaram diversas organizações que praticavam a luta armada; como o "Movimento 2 de Junho", cujas siglas seriam as primeiras que reivindicaram ações violentas seguidas da RAF (Fração do Exército Vermelho). Neste panorama se encontra o movimento autônomo: não é um conjunto de movimentos estruturados, mas sim um conjunto de pessoas,

coletivos, com características comuns, embora em alguns casos contraditórios, entre si. Se consideram anti-hierárquicas e contrárias ao delegacionismo, tem uma forte sensibilidade internacionalista e anti-imperialista, são anti-estatais e
anti-constitucionais, criticam qualquer política de negociacão com o estado e seus seguidores, sua legitimação da violência revolucionária os leva a praticar o que elas chamam ações militantes, dirigidas contra responsáveis pela opressão e a exploração. Todo esse quadro não só é a criação, mas também é a evolucão das revolucionárias ZELLEN-RZ (CÉLULAS-RZ), que se definem anti-capitalistas, anti-patriarcais, anti-estatais e internacionalistas.

Utilizam categorias marxistas para analisar a sociedade, assim como possuem uma constante reflexão em torno da autogestão. Em um primeiro momento colaboram ativamente com as ações armadas dos grupos guerrilheiros palestinos da Europa. Depois desta primeira fase, sua atividade teve um teor instável quanto aos objetivos próprios do movimento alemão e que as diferencia claramente da RAF. Para as RZ se trata de somar no terreno das lutas de massas, e nessa perspectiva promover sua luta armada, por inserir suas ações armadas naqueles objetivos que centram hoje a atividade dos setores radicais nos movimentos de massas. Assim suas ações tem sido dirigidas em solidariedade aos mineiros britânicos em greve e contra: a repressão desatada aos refugiados, os centros de investigação e manipulação genética, a política de exterminio de presas e presos política/os nas prisões da Alemanha, a opressão e exploração sexual das mulheres, a indústria nuclear, a implantação de "loa Pershing" e demais instalações yankees (estadunidenses), os trabalhos informáticos para censar e fichar a a população, etc.

Empregam para seus ataques um grau de violência determinada. Mais habitualmente suas ações consistem em atacar objetivos e instalações e poucas vezes a pessoas. Quando o fizeram trataram de evitar a morte, o que ocorreu uma única vez, em 1980 com o ministro Herbert Karr. Embora este seja seu estilo, não significa que entendam como errada qualquer ação mortal, senão que tem que se fazer com base em alguns requisitos. Uma de suas maiores preocupações é evitar aprofissionalização de quem participa na atividade armada que obteve bom resultado, pois apenas duas pessoas das integrantes que cumpriram pena a prisão e hoje estão em liberdade. Neste sentido agitam a favor de que a utilização destes métodos podem realizar-se sem grande especialização e difundem manuais sobre como fazê-lo. O tipo de organização e

funcionamiento é também algo que não compartilham com a RAF, a quem vêem como uma organização excessivamente estruturada e centralizada, reivindicando um funcionamento com maior autonomia entre os grupos que os compôem. Aparecem pela primeira vez em um ataque contra ITT na Alemanha do Oeste (República Federal Alemã- RFA), para desmascarar a participação desta corporação multinacional no regimemilitar de Pinochet em Chile. Na primeira distribuição de "Raiva Revolucionária" (Revolutionarer Zorn) as RZ dividiram suas ações em três categorias principais:

-Ações anti-imperialistas;

-Ações contra sucursais, estabelecimentos, cúmplices do Sionismo na República Federal Alemã;

-Ações apoiando as lutas da classe trabalhadora, das mulheres, de jovens, e atacando e castigando as pessoas inimigas de todas essas.

Esta divisão temática se utilizou nos anos seguintes. Uma Célula Revolucionária passava a seconverter em diversas Células Revolucionárias. Mais tarde, nos últimos anos da década de 70, as ações de quem militava em RZ também formavam parte do movimento anti-nuclear, (em um momento no qual milhares de pessoas marchavam contra o poder nuclear e contra a reelaboração de plantas nucleares em Kalkar, Wyhl, Goberlan e Brokdorf) e do movimento de Oeste anti-fugitivo (Anti-Starbahn 18 West-Bewegung) na zona do

Rio Rhin. Neste contexto, foi quando levaram a cabo um ataque contra o ministro de economia e transporte, Herbert Karr, a quem dispararam um tiro no joelho veio a ter um ataque cardíaco em 11 de maio de 1981. Dado este acontecimento, as RZ lançam um comunicado às ruas, no qual explicavam o motivo de sua atuação.

O texto de setembro dizia, entre outras coisas:

"A justiça não é anônima, tem nomes e sobrenomes" disse Brecht. [...]

Torturadores, policiais, chefes terroristas da administração do Poder são alvos concretos aos quais dirigir o ódio de classe, mas no caso dos tribunais não aparecem fisicamente presentes senão que ocultados por trás de suas instituições, rituais e mistificações.

Os tiros no joelho a este juíz tem por finalidade dar nome, cara e corpo a esta injustiça invisível. Estes tiros devem lhe marcar de duas maneiras: fisicamente e suportando um sofrimento que lhe marque como pessoa. E politicamente. Devem lhe assinalar ante a opinião pública como o principal responsável da repressão judicial contra as vítimas da política imperialista.

Queremos acabar com este âmbito de poder pelo qual se sente protegido. E queremos destruir sua carreira, por quê não. Quem foi golpeado em seu âmbito de poder e quem foi atacado pela guerrilha é visto com receio por sua própria classe e se converte em uma penosa carga para estes. Esta mesma classe se encarregará de arruiná-lo profissional e politicamente. [...] A legitimação de um assassinato político, tem que mostrar-se em seu efeito direto sobre os enfrentamentos de classe, e não pode reduzir-se unicamente à batalha contra o Inimigo.

[...] Uma guerrilha que atua contra as leis da responsabilidade e da moral política, que perde seus escrúpulos - os quais são o importante que diferencia os homens e mulheres revolucionárias/os do inimigo de classe - uma tal guerrilha pôe em jogo e perde assim seu crédito e suas idéias: lutar com o povo na luta de classes, na qual se vêem os objetivos de uma sociedade livre, igualitária e humana".

Nos últimos três anos do RZ, concentraram suas ações na política de refugiadas e com extrangeiras/os que estava ocorrendo na Alemanha do oeste.

“Queremos contribuir para recuperar um anti-imperialismo concreto na RFA... Anti-imperialismo não apenas significa ataques ao complexo industrial militar e é mais que tão unicamente solidariedade com os movimentos de solidariedade de libertação a nivel internacional”. (Citação de "Raiva Revolucionária", outubro de 1986).

Ações como por exemplo uma que se produziu na Central de Imigração da Policía no oeste e Berlim demonstram a amplitude desta linha de militância.

Enquanto que quem são as pessoas atacadas, as responsáveis das políticas racistas de refugiados da RFA e em Berlim do oeste, a intenção dos ataques contra instituições cujos documentos, datas e arquivos estão sendo destruídos é alcançar um espaço que não esteja controlado ou regulado pelo Estado. “Mas nossas ações resultarão ineficazes caso não contribuam ao desenvolvimento de uma nova etapa do anti-imperialismo sem uma esquerda radical”.

Parte da brochura do mesmo nome. Trabalho de tradução coletiva realizada por lésbikas radikais autônomas voluntárias.
Editado por Heretica Edições Lésbicas e Feministas Independentes contato: heresia.lesbica@riseup.net. Livre divulgação!

Como se efetuam as retribuições em princípio?

Na economia libertária coletivizada, cada qual é retribuido de maneira equitativa e igualitária. As diferenças de ingressos entre um peão e um mestre na sociedade anarquista são muito escassas, porque se pretende eliminar a diferença entre trabalho manual e trabalho intelectual. A coletivização espanhola demonstrou que pode haver remuneração igualitária sem que se baixe a produdividade nem falte a iniciativa individual. Os economistas burgueses e comunistas autoritários afirmam que haverá uma grande diferença salarial para os melhores trabalhadores (engenheiros, academicos, técnicos de nível superior) que se esforcem pró lucro individual. Mas os libertários afirmam que o que desaliena o trabalhador, é que lhe pertença o produto do trabalho, que possa administrar o excedente econômico coletivo, que é o que lhe torna realmente rico.

É evidente que uma pessoa não pode obter o mesmo resultado atuando sozinho, sem ajuda nenhuma. Sendo o esforço comunitário, e já que o produto procede desse esforço, a retribuição tem ser também coletiva. Isso não acontece no capitalismo, que produz com

forças coletivas mas o salário individual sempre é inferior ao que é roubado do trabalhador e seus companheiros.

Nos casos libertários que estou mencionando de 1936/1939, os coletivistas recebiam um ingresso na Moeda Hora de Trabalho que entrava no capítulo de gastos da coletividade. A Hora de Trabalho se quantificava em base ao produzido na coletividade e se entregava ao produtor para sua gestão pessoal. Este ingresso podia ser individual, e outras vezes ser familiar, dando-se uma quantidade superior a uma família de sete membros que a uma de quatro. Este ingresso se fazia com a emissão local de vales e bonus que eram apontados na carteira de produtor e que tinham validez no ambito local da coletividade. Como não se havia chegado a anarquia e seguia existindo o Estado, as coletividades administravam moeda capitalista as pessoas que queriam viajar ou estabelecer-se em outra parte, a fim que pudessem realizar suas transações. Tudo isso sempre foi voluntário. E funcionava tão bem que até os antigos empresários capitalistas se impressionavam com a coletividade.

Houve muitas variantes. Não foi homogeneo porque em cada localidade davam uma solução a suas necessidades e não deu tempo de buscar uma fórmula de união. Por exemplo, a Coletividade Libertária de Acorisa proporcionava uma caderneta familiar de trabalho na qual se escrevia o pontos dos produtores segundo suas Hora-Trabalhao (quantificadas segundo a quantidade de produtos coletivos), e que funcionava de maneira similar aos atuais cartões de crédito, mas sem financiar um banco usurário. Assim, dependendo de teus gastos, podias ir ao

armazéns coletivos e retirar produtos quantificados da mesma forma. Quando a atividade econômica local não conseguia todos os produtos necessários por seus membros, cabia através de seu Conselho Econômico, um intercâmbio equivalente com outras coletividades que estavam federadas para cobrir a demanda não satisfeita. Se o coletivista necessitava de algo que não despunha na coletividade, se encarregava o administrador, que não passava de um trabalhador qualquer para resolver.

Estes vales e bonus de uso local e base sindical, não eram acumláveis. Eram um simples ingresso destinado a satisfazer as necessidades do coletivista que mostrava com seu cadastro que era um indivíduo produtivo. A riqueza real se encontrava em excedente, ai também estava a retribuição, e para não haver nada que pudesse criar acumulação de dinheiro que pudesse causar a exploração de outras pessoas, todo excedente era destinado de maneira racional e coletiva a melhorar os serviços de saúde e transportes, assegurar o consumo, a ter reservas, a investir e melhorar a produtividade mediante a mecanização e quipamentos técnicos, a criar bancos de sementes, a qualificar e instruir vizando proporcionar bem estar... Desta maneira a produtividade da Hora-Trabalho aumentava de maneira linear. E todo isso levou a diminuição da jornada de trabalho enquanto se manteve o modelo. A maior produtividade por Hora-Trabalho na sociedade libertária, menos necessidade de trabalhar e menos valor tem as coisas (abundância com menos esforço). Em troca na sociedade capitalista mesmo que aumente a produtividade, isso não se traduz na diminuição de preços e na partilha do trabalho, mas que se traduz em demissões, em paralizações e crescimento de setores improdutivos parasitários.

Olhando o dia de hoje, uma retribuição igualitária, nas mãos de pessoas donas da riqueza que produzem nas empresas autogestionadas, evitaria a loucura dos derivativos capitalistas que se movem em função de objetivos que planejam os presidentes e conselhos de administração das empresas. Para cobrir seus objetivo (e cobtrar assim seu prêmio extraordinário e seu bonus de produtividade), se tem percebido como origem da crise de 2008 que se encontra (entre outros fatores) na atividade especulativa desses tubarões, que se lançam em operações econômicas carente de base que acabaram em um desastre em nível planetário: elavaram o preço da habitação na Espanha entre 1997 e 2007 uns 118% e em outubro de 2008, arrastado por uma distante e misteriosa tormenta financeira (maneira piedosa de dizer que não tinham ideia de com estavam perdendo bilhões de doláres) que se poduzia nos EUA, o mundo capitalista entrava em uma crise supostamente porque milhares de pessoas indeterminadas a milhares de kilometros não podiam honrar as dividas de umas hipotecas denominadas de lixo. Ignorantes, imbecis e mentirosos até o final, os ricaços, os academicos e os sábios que haviam afirmados que não haveria crise em maio, os que diziam que os mecanismos do Mercado Capitalista e a competência era o bastante para solucionar tudo, em outube de 2008 pediam a intervenção de seus Estados e atiravam de lado seus discursos liberais e pediam o salvamento dos ricos e grandes clientes que um dia para o outro perdiam grandes porcentagems de benefícios... uma bagunça impressionante que não entende quem a criou, no que os principais prejudicados são os trabalhadores, que recebem um ataque ideológico sem quartel que lhes diz que

perderam suas pensões, que têm que se sacrificarem, desmontar a previdência social, aceitar as livres demissões e os demais ajustes reacionários para o bem comum, que como chamam a política de prosperidade dos empresários.

Nada disso seria possível em uma econômica autogestionária. Eliminada a propriedade privada e o lucro, a retribuição igualitária mediante um ingresso nas horas de trabalho (medida coletivizadora) permitiria um incremento generalizado dos ordenados das pessoas trabalhadoras (e se evita o salário improdutivo), uma melhora de sua capacidade de consumo, uma diminuição da jornada de trabalho, e por fim, transfere os excedentes de seu trabalho para as mãos da coletividade autogestionada para determinar de que maneira será feito seu uso como melhorar as instalações, criar serviços etc.

Elena Martins

Amu la bestoj!
Arte W.Kolinska
Manĝi legomojn!

Esse é Capitalismo

O Capitalismo é uma loucura de toma-lá, da-cá.
Uma insensatez que se opera na imaginação, na crença e na confiança que suscita. Mas amigos e amigas anarquistas: não há absurdo no mundo, nenhuma insensatez, fanfarronice, nem uma barbaridade oceânica, por maior que seja, que não tenha um discurso que os sustente.
Tudo pode ser justificado.
As pessoas capitalistas costumam usar os mais retorcidos argumentos para justificar seus delírios:
Dizem que seu capital é arriscado, quando fica parado;
Que seus capitais tem que ser aumentado porque se não, não se investiriam, e que isso beneficia a ti;
Que eles se abstém de consumir investindo e isso tem de ser recompensado; que eles competem de forma limpa, e ganha o melhor;
Que todo esse lucro que se obtém na base de sua inteligência, em seus saberes, nas leis econômicas, na natureza humana que busca o máximo de benefício...
Tudo isso são besteiras!
Não explicam de onde saíram seus capitais, da Lua? Lembremos que atrás de uma grande riqueza, há uma grande opressão e exploração, ou seja, essas pessoas, seus progenitores ou seus ancestrais exploraram muitas outras

pessoas para obter-los; seus supostos riscos, no caso das grandes fortunas, são bem calculados e planejados; seus conhecimentos se baseiam no treinamento em suas boas universidades, e a informação privilegiada que conseguem, escapando assim da competitividade, porque competir é coisa entre iguais; sua suposta abstenção de consumo durante os investimentos é mentira, porque consomem o teu, o nosso trabalho, e pagam o mês vencido - não antes - se tudo for bem, bom... mas, se for mal te darão um sinto muito; e se tudo na humanidade se reduz pela Lei Natural ao maximiza benefícios pessoais, por que milhares de milhões de pessoas aceitam trabalhar para um chefe por uma miséria? Suas leis econômicas não são mais do que armadilhas de jogadores, as regras de pessoas jogadoras que estão na vantagem.

Elas que tanto presumem das leis, esquecem das leis naturais que anunciam a crise energética, climática e alimentícia que se aproxima. Elas investem não para beneficiar você, a gente, mas para obter lucro, e esse lucro vem de você, da gente: te apertam, te chupam, te extraem a energia, piores que o Drácula.

Sua riqueza é a condição de tua pobreza, de tua escravidão assalariada, de tua frustração.

Esse tesouro acumulado não provem de méritos individuais, mas do Poder que já desfrutam suas donas, em forma, por exemplo, a propriedade privada dos meios de produção.

Essa riqueza é transformada em novo Poder, em Dominação, em Tirania. Com esse dinheiro podem comprar capangas, os governos ou ser eles mesmos o Governo, coisa que qualquer cacique sabe.

Esse é o Capitalismo, que em nome da ganância, da usura, da cobiça e da avareza, produziu guerras, saques incontáveis e mortes e dor incalculável ao longo de sua história.

Mari Silva

Rafael Braga

Pessoa Presa e

Perseguida Política pelo Estado

Brasileiro

Liberdade e Indenização JÁ!

anarkio.net

Lembre-se

O anarquismo é dinâmico,
vivo e de amplas possibilidades,
sem opressão e
sem exploração ...

ANARQUISMO NÃO É MERCADORIA!

SE NÃO PRECISA, NÃO COMPRE!
PREFIRA TROCAR - DOAR -
COMPARTILHAR - RECICLAR ...
SE TENS PRINCÍPIOS,
NÃO DEIXE OS "VALORE$" TE MANIPULAR!

Barricada Libertária - lobo@riseup.net
Fenikso Nigra - fenikso@riseup.net
http://anarkio.net
Movimento Anarquista